

Política.

PT escolhe Coser para o Senado

Ex-prefeito de Vitória, João Coser saiu vitorioso na disputa com a senadora Ana Rita e vai tentar emplacar o nome como candidato na chapa do PSB. *Pág. 32*

EDITORA:
ELISA RANGEL
erangel@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8332
agazeta.com.br/politica



GOLPE MILITAR

ESPECIAL 50 ANOS

MAPA DA DITADURA PORÕES DESVENDADOS

No Estado, ao menos 7 locais eram para tortura e investigação

VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

Documento oficial recém descoberto na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) confirma, pela primeira vez, o endereço da sede da agência do Serviço Nacional de Informações (SNI) em Vitória, órgão criado pelos militares, em 1964, sobretudo para investigar focos de ações opositoras ao regime golpista: ela funcionava no coração da Capital.

O SNI ficava no sétimo andar do Edifício do IAPI, sala 706, ao lado do Teatro Carlos Gomes, na Praça Costa Pereira. No ofício com carimbo de “confidencial” encaminhado ao departamento de Medicina da Ufes, em 6 novembro de 1968, o chefe do SNI em Vitória solicita envio imediato de informações pessoais, profissionais e ideológicas sobre professores à agência.

Para o Doutor em História Social pela UFRJ e referência nas pesquisas da Ufes sobre o período militar no Espírito Santo, Pe-

dro Ernesto Fagundes, a localização privilegiada do SNI oficializava o aparato repressivo do Estado.

“A descoberta de mais esse espaço de repressão sedimenta tese de que o Espírito Santo não foi uma ilha na ditadura. Houve muita repressão, dezenas de pessoas foram presas, perderam o emprego e estudantes foram expulsos”, afirma.

PORÕES

No Estado, o 3º Batalhão de Caçadores, em Vila Velha - atual 38º Batalhão de Infantaria -, era o principal centro de tortura. Recebia “subversivos” para submetê-los ao “pau de arara”, espancamentos, choques elétricos e afogamentos.

O Departamento de Ordem Política e Social (Dops), de onde partiam ações práticas para controle e repressão de movimentos sociais e políticos, também funcionou no Centro da cidade, o que lança por terra a expressão “porões da ditadura”.

Responsável por pes-



RICARDO MEDEIROS

Pedro Ernesto considera nítida a presença do Estado nos espaços de repressão a opositores da ditadura

quisas sobre a estrutura da repressão do regime militar, o coordenador da Comissão da Verdade de São Paulo, Ivan Seixas, defen-

de que o termo surgiu de iniciativas para negar atrocidades devidamente autorizadas pelos ditadores. “Era política de Estado.

Relatórios do SNI eram direcionados à presidência. Não tinha nada de porão. Todos sabiam onde funcionavam as coisas”, diz.

gazetaonline.com.br

Confira entrevista em vídeo com o professor Pedro Ernesto Fagundes sobre a importância do documento do SNI.

OS PORÕES DA DITADURA

DOPS

Departamento de Ordem Política e Social

Funcionou em ao menos três endereços no Estado, em períodos distintos. Nesta delegacia se organizavam os agentes da repressão contra os “subversivos” capixabas



Atual Banestes, na Rua Graciano Neves, no Centro de Vitória

Atual Chefatura de Polícia, na Reta da Penha

Atual sede do Departamento de Estradas de Rodagem (DER/ES), na Beira-mar



3º Batalhão de Caçadores (3º BC)

Era onde os militares concentravam as prisões e torturas de militantes. É o mesmo local onde hoje está o 38º Batalhão de Infantaria, em Vila Velha.



Centro de Informações da Marinha (Cenimar)

Era outro braço das Forças Armadas na organização da repressão. Funcionava onde é a antiga sede da Capitania dos Portos, no Centro de Vitória



Polícia Federal

A antiga sede, na Avenida Vitória, também escondeu presos políticos. Muitas vezes, eles passavam por lá antes de serem transferidos para o 3º BC, em Vila Velha. No local, hoje, está um terreno vazio



Serviço Nacional de Informação (SNI)

A agência de Vitória ficava no 7º andar do edifício do IAPI, na Costa Pereira. O órgão, criado em 1964, servia para coordenar o levantamento de informações sobre os “subversivos”.

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

Militares investigaram 20 mil pessoas no Estado

Os agentes da repressão produziram mais de 160 dossiês sobre pessoas suspeitas de ligação com movimentos opositores ao regime militar no Estado. Além disso, fizeram cerca de 20 mil fichas individuais de capixabas investigados.

Os documentos eram abastecidos com informações do Dops, SNI, Polícia Federal e Exército. Para isso, os policiais se infiltra-

vam em reuniões de trabalhadores, estudantes e partidárias. Faziam fotos e as anexavam a relatórios.

Os papéis estão guardados no Arquivo Público Estadual. Todos eles carregam o carimbo de “confidencial” porque serviam para abastecer as redes de monitoramento sobre qualquer militante que pudesse participar de atos contestatórios ao regime.

GOLPE MILITAR



CEDOC/AG

João Goulart, de mãos cruzadas e cabeça baixa, durante visita ao Espírito Santo. O golpe militar depôs o presidente, que precisou partir para o Uruguai

FÉRIAS NO ESTADO ANTES DE SER TIRADO DO PODER

Família de Jango passou temporada na Praia da Costa, em 64

▀ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

Às vésperas do golpe que mudaria a história do país e a dele, o então presidente João Goulart usou o Espírito Santo para preservar a família da ebulição política de Brasília e do Rio de Janeiro. Ele trouxe para o réveillon de 1963 para 1964 a esposa Maria Thereza e os filhos, João Vicente e Denise.

Desde que assumiu, em 1961, com a renúncia de Jânio Quadros, Jango não encontrou tempo bom no Palácio da Alvorada. Por isso, deixava a família hospedada na Residência Oficial do governo do Estado, na Praia da Costa, enquanto se dedicava à crise política e econômica do país. As visitas de Jango ao Espírito Santo, para rever a família, aconteciam em finais de semana.

O interesse do presidente pela Capital capixaba surgiu ainda em 1963, quando veio dar início às obras da Ponta de Tubarão. A propaganda sobre o Estado foi feita pelo seu minist



EDSON CHAGAS

Hóspede de Jango às vésperas do golpe

Depois de conhecer os filhos de Jango e Maria Thereza, Rubens Gomes foi convidado para uma temporada com eles em Brasília.

“Jango era fantástico, mas a viagem levou meu pai à prisão”

— **RUBENS GOMES**
Jornalista

tro de Minas e Energia, Eliezer Batista da Silva, que concebeu o projeto. Na juventude, Batista morou por uma temporada no antigo Hotel Majestic, no Centro de Vitória. Em outubro, Jango também passou pelo Estado para inaugurar usina da antiga Companhia Ferro e Aço de Vitória.

No Carnaval de 1964, a família presidencial também esteve no Estado. Há relatos de que Jango gostava de pescar na Ilha do Boi, ao passo que era hábito de Maria Thereza levar os filhos às matinês no Theatro Carlos Gomes e no antigo Clube Vitória, no Parque Moscoso.

Dias depois de curtir o

carnaval capixaba, os militares mudaram a história de Jango. O golpe civil militar depôs o presidente, que precisou partir com a família para o Uruguai.

VIAGEM

No período de estadia em solo capixaba, João Vicente fez amizade com ou-



Fotos registram visita da família Goulart ao Estado

tros quatro garotos que pulavam a Pedra do Libanês para ter acesso à Residência Oficial. Um deles, o jornalista Rubens Gomes, na época com 12 anos. “Ficava deslumbrando com os brinquedos importados do João e Maria Thereza nos levava nas matinês”, conta.

Ao voltar para casa, a primeira-dama levou os meninos com ela para uma temporada de férias no Palácio da Alvorada. Rubinho, portanto, tornou-se hóspede de Jango às vésperas do golpe.

“Ele era fantástico, passava com a gente, levava ao cinema. Uma vez, levou a gente até Goiânia, de avião. Em parte da via-

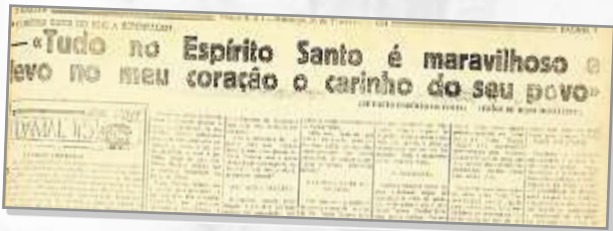
gem, ele mesmo pilotou e nós fomos à cabine”,

Mais tarde, a viagem acabou motivando a prisão do pai dele, pelos militares. “Meu pai dizia que não tinha qualquer relação com Jango, que havia rompido, mas eles não acreditavam, já que o filho dele havia passado 20 dias na casa do presidente”.

Em seguida, Rubens Gomes militou no movimento estudantil e foi preso 11 vezes. Ele lembra que a maioria das prisões ocorreu quando ainda era menor de idade. Era considerado “subversivo” e esteve na mira dos relatórios do Serviço Nacional de Informações (SNI).

ESPECIAL 50 ANOS

“Ela era mais bonita que a Jackie Kennedy”



Avessa à mídia, esposa de Jango se refugiou na Praia da Costa no carnaval de 1964

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br

A presença da primeira dama do país nos eventos de Vitória em 1964 mexeu com o cotidiano da cidade. Os jornais queriam entrevistar Maria Thereza Goulart, mas a esposa de João Goulart era avessa à exposição. Na quarta-feira de cinzas, porém, ela não escapou de um plano mirabolante do então repórter de A GAZETA, Paulo Roberto da Costa, 70, e teve de recebê-lo na Residência Oficial da Praia da Costa, onde estava hospedada com os dois filhos.

A entrevista foi publicada em 16 de fevereiro de 1964. Paulo conta uma história inacreditável sobre o dia anterior. Maria Thereza circulava em carro com uma placa de “trânsito livre”. O fotógrafo Júlio Monjardim tinha um automóvel do mesmo modelo e Paulo o fez de cúmplice.

“Fomos na oficina do jornal e usamos aqueles tipos enormes de madeira para fazer uma placa igual.

Antes da entrevista exclusiva para A GAZETA, duas horas de embelezamento



Pronto, já tínhamos como entrar. Nem paramos o carro. Diminuímos a velocidade e buzinaamos. Os portões abriram e nós entramos na maior cara de pau”, conta o jornalista e professor de inglês, que vive em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Depois de descoberto por funcionários, ele lembra que apelou ao cabeleireiro da primeira dama para convencê-la a responder as perguntas.

“Contei dos nossos dramas, dos nossos empregos ameaçados, e ele prometeu se empenhar”, conta.

Maria Thereza aceitou. Paulo e Júlio precisaram esperá-la ser preparada para as fotos. A conversa só duraria 20 minutos. “Serviram uísque e salgadinhos. Foram duas horas de espera”, diz.

Paulo Roberto diz que a mulher de Jango era mais bonita que Jacqueline Kennedy, esposa do presi-

dente norte-americano John Kennedy. Na entrevista de página inteira, Maria Thereza fez inúmeros elogios ao Espírito Santo e revelou opinar no trabalho do marido.

“Apesar de ajudá-lo algumas vezes, devo dizer que essa ajuda talvez não se estenda aos assuntos de maior importância que exigem atenção do presidente”, disse ela. Dias depois, Jango foi deposto pelo regime militar.

MINHA HISTÓRIA COM A DITADURA

“FUI MACHUCADO ATÉ ESPIRITUALMENTE”

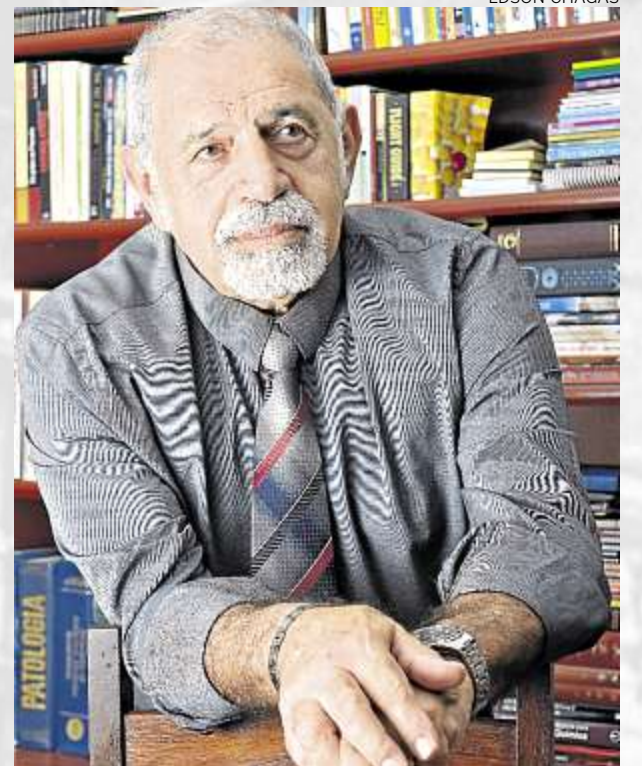
João Chequer Bou-Habib
Médico

Marcas que ficaram para sempre

▄ Na época do sequestro do embaixador Charles Elbrick, era do movimento estudantil e fazia parte da infraestrutura de apoio ao MR-8 no Espírito Santo. Poderíamos ter que dar guarita ao pessoal. Não me envergonho do que fiz, mas não gosto muito de lembrar esse período. Fui preso em 1967, 68 e 69. Não gos-

to de lembrar do sofrimento físico. Além de pancadas e choques elétricos, fui machucado até espiritualmente. Foi período muito traumático na minha vida. Lutávamos pela democracia e muita gente boa foi presa. Meu pai sofreu muito, mas, se hoje temos uma democracia e podemos falar bem ou mal dos presidentes, isso se deve a um pouco do nosso suor. Depois que soube fisicamente, não parei de lutar, mas nunca fiz alarde disso.

EDSON CHAGAS



ENTENDA O GOLPE MILITAR

▼ Renúncia

Jânio Quadros renunciou à presidência em 1961, em meio a crises. Seus sete meses de governo desagradaram conservadores em razão da política econômica austera e política externa independente.

▼ Dificuldade

Ministros militares se opuseram à posse do

vice, João Goulart. Viam nele uma ameaça ao país e criaram dificuldades para a cerimônia.

▼ Deposição de Jango

Civis e militares conservadores reagiram às reformas propostas por João Goulart e depuseram o presidente em 31 de março de 1964.

▼ Temporária

Após o golpe, militares alegaram necessidade



de “preparar” o país para as eleições de 1965. Elas, porém, não ocorreram. O regime durou 20 anos.

▼ Ditadura

Até 1985, o Brasil viveu o período mais sombrio de sua história, marcado por torturas, repressão política e censura.

▼ Atos Institucionais

Foram decretos emitidos entre 1964 e 1985 para dar aspecto legal às

ações arbitrárias. O AI-5, de 1968, fechou o Congresso Nacional, proibiu manifestações políticas e restringiu eleições sindicais.

gazetaonline.com.br

Veja fotos feitas pelo Dops em reunião de professores no Colégio do Carmo. Se reconhecer alguém ou souber a data do encontro monitorado, contate-nos.